

A AGONIA E O DESPERTAR DE UMA CIDADE EM *A PESTE*, DE ALBERT CAMUS

Angela Regina Binda da Silva
Ufes

Resumo: Este artigo faz uma relação entre as obras *A Peste* e *O Estrangeiro*, de Albert Camus, apresentando os principais pontos do pensamento camusiano acerca do absurdo e da revolta inseridos no enredo dessas obras.

Palavras-chave: *A Peste*. *O Estrangeiro*. Absurdo. Revolta.

Abstract: This article makes a relation between the books *The Plague* and *The Stranger*, pointing the main aspects of Camus' thoughts according to the absurd and revolt in the plot of these books.

Keywords: *The Plague*. *The Stranger*. Absurd. Revolt.

Publicada em 1947, *A Peste*, de Albert Camus, trata do absurdo vivido pelo ser humano e de sentimentos coletivos como a revolta, temas que foram abordados pelo mesmo autor cinco anos antes de forma individual em *O Estrangeiro*.

Tomada pela peste bubônica, a cidade de Oran no norte da África é fechada sobre si mesma e seus moradores passam a conviver com sentimentos como o medo e a solidão. A morte é fato quase certo e a doença faz milhares de vítimas que passam a dar importância à vida e ao próximo, despertando a compaixão e a ajuda mútua. A iminência da morte traz à tona que a vida e o homem são finitos. Há também um fundo filosófico-existencial. Albert Camus se utilizava da literatura com uma escrita simples para expor e desenvolver suas idéias sobre questões filosóficas como o absurdo e a revolta.

Isolados do resto do mundo e separados de seus amantes e familiares, os cidadãos de Oran voltam-se para seus vizinhos e para cada um da cidade para redescobrirem a essência das relações humanas, antes adormecidas pela fria rotina de cada um. A monotonia do trabalho e o pensamento voltado para o acúmulo de riquezas são interrompidos

quando milhares de ratos aparecem mortos. O que era no início apenas uma preocupação torna-se um horror generalizado quando as mortes atingem também aos cidadãos, dizimando famílias inteiras e espalhando o horror por todos os lados. Todos os moradores da cidade estão ameaçados pela doença mortal pelo simples contato com entes queridos já infectados e passam a temer até o vento que sopra trazendo o bacilo da peste. A morte se torna uma personagem da obra que cumpre seu papel não por causa do ciclo natural da vida, mas porque dizima sem ordem, vez, ou classe social. É temida por ser injusta e numerosa.

A obra traz como personagem central o Dr. Rieux. O médico tem papel fundamental na trama, pois se une a vários outros personagens para combater o mal que eles não sabem a origem. Ele é o próprio redator da narrativa e a considera como um testemunho para “[...] não ser daqueles que se calam, para depor a favor destas vítimas da peste, para deixar ao menos uma lembrança da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas”. (CAMUS, 2004, p. 268)

A obra *A Peste* está intimamente ligada à vida pessoal de seu autor. É de extrema importância entender o contexto em que Albert Camus vivia para fazer uma relação com alguns fatos da obra. Oran, a cidade onde se passa a história, localiza-se no norte da África, país onde Camus nasceu em 1913. O enredo do romance destaca o fato dos amantes sofrerem pela separação imposta pela epidemia, o que poderia ser um reflexo da separação de Camus, sua família e terra natal por mais de dois anos. Nesse período, os aliados à África do Norte chegaram à Paris onde Camus estava para se tratar no verão de 1942. Há ainda a ausência de personagens femininos na obra. Muitas mulheres estão longe de Oran e as que residem lá não têm importância. A mãe do Dr. Rieux é a única mulher que aparece em algumas cenas e recebe destaque. Camus provavelmente descreve a Senhora Rieux com traços de sua mãe dando um aspecto calmo e silencioso à personagem.

Ainda jovem Camus entregou-se aos esportes (especialmente ao futebol) até descobrir a tuberculose e sua condição de homem mortal, aspecto tratado na obra em questão. Em *A Peste* há um jogador de futebol que por várias vezes fala de sua paixão pelo esporte. Camus ainda foi funcionário da prefeitura em Argel da mesma forma que o personagem Grand é no romance. Grand é um personagem simples, mas importante de *A Peste* que busca a perfeição de uma maneira

obcecada ao escrever uma frase que faria parte de um romance. Ele tenta por diversas vezes compor essa frase mudando a pontuação e substituindo palavras. O personagem chega ao fim da história sem êxito. Há assim uma reflexão sobre o papel do escritor e da própria maneira de escrever.

Camus também desempenha a função de jornalista e viaja por vários lugares relatando a pobreza e os horrores das guerras. *Na Peste*, Rambert é um jornalista que acaba por ficar preso na cidade devido ao isolamento imposto e desiste da fuga para enfim ajudar ao Dr. Rieux e a todos os flagelados. Esse fato pode ser interpretado como um símbolo de opressão à liberdade de imprensa.

O ESTILO ABSURDO E POÉTICO EM A PESTE E O ESTRANGEIRO

Há fortes elos que ligam *O Estrangeiro* à obra *A Peste*. Camus usou o nome Raymond em ambas as obras para nomear na primeira o vizinho de andar do personagem principal e *na Peste* um jornalista preso na cidade fechada por causa da epidemia de peste. Esse jornalista procura meios de ultrapassar os muros da cidade e fugir ao cerco imposto pelas autoridades para reencontrar a liberdade e a mulher amada. “Sua argumentação principal consistia sempre em dizer que era estrangeiro em nossa cidade e que, por conseguinte, o seu caso devia merecer um exame especial”. (CAMUS, 2004, p. 96)

Camus ainda faz um elo explícito com *O Estrangeiro* quando cita sobre a prisão de Mersault em *A Peste*: “Grand chegara a assistir a uma cena curiosa com a vendedora de tabaco. No meio de uma conversa animada, ela falara de uma prisão recente que alvoroçava Argel. Tratava-se de um jovem que matara um árabe na praia”. (CAMUS, 2004, p.53)

O mundo incoerente apresentado por Camus na obra *O Estrangeiro* através do absurdo e da revolta, também faz parte de *A Peste*. A rotina, o tédio e a repetição de situações são aspectos que fazem Mersault – o protagonista de *O Estrangeiro* – e a população de Oran – cidade assolada pela peste – mergulharem no absurdo da vida mostrado por Camus através de sua literatura. Mesmo amedrontados pela epidemia que faz centenas de mortos por semana, os concidadãos de Oran passam a viver o absurdo acostumando-se com a peste.

Os nossos concidadãos tinham-se adaptado, como se costuma dizer, porque não havia outro modo de proceder. Tinham ainda, naturalmente, a atitude da desgraça e do sofrimento, mas já não o sentiam. De resto, o doutor Rieux, por exemplo, achava que essa era justamente a desgraça e que o hábito do desespero é pior que o próprio desespero. Antes, os separados não eram realmente infelizes, pois havia no seu sofrimento uma luz que acabava de se extinguir. Agora, eram vistos pelas esquinas, nos cafés ou em casa dos amigos, plácidos e distraídos, e com um ar tão entediado que, graças a eles, toda a cidade parecia uma sala de espera. Os que tinham uma profissão executavam-na ao ritmo da própria peste, meticulosamente e sem brilho. (CAMUS, 2004, p. 160)

Essa fácil adaptação a uma difícil vida também acontece com Mersault, em *O Estrangeiro*, que se acostuma com os dias na prisão e diz que “[...] se me obrigassem a viver dentro de um tronco seco de árvore, sem outra ocupação além de olhar a flor do céu acima da minha cabeça, eu teria me habituado aos poucos” (CAMUS, 2005, p. 81). Suas lembranças na prisão são seu único passatempo e ele “aprende a recordar” situações simples de sua vida como a localização dos móveis e objetos de sua casa. Dessa mesma forma, os habitantes de Oran aprendem a usar a imaginação para passar o tempo.

Impacientes com o presente, inimigos do passado e privados do futuro, parecíamos-nos assim efetivamente com aqueles que a justiça ou o ódio humano fazem viver atrás das grades. Para terminar, o único meio de escapar a estas férias insuportáveis era através da imaginação, recolocar em movimento os trens e encher as horas com os repetidos sons de uma campainha que, no entanto, se obstinava ao silêncio. (CAMUS, 2004, p. 68)

Mesmo com a cidade de Oran assolada pela peste e sem sinais de regressão da doença, alguns personagens ignoravam mentalmente todas as duras regras impostas pelo governo e pensavam como homens livres. Mersault, em *O Estrangeiro*, tem pensamentos de homem livre mesmo preso e sente mais dificuldade em ter esses tais pensamentos do que o fato de estar preso e ter que vivenciar todos os problemas que a prisão lhe oferece como falta de higiene ou estrutura física precária.

Assim, durante semanas, os prisioneiros da peste debateram-se como puderam. E alguns, como Rambert, chegavam até a imaginar, como se vê, que ainda agiam como homens livres, que ainda podiam escolher. Mas, na realidade, podia dizer-se neste momento, nos meados do mês de agosto, que a peste tudo dominara. Já não havia então destinos individuais, mas uma história coletiva que era a peste e sentimentos compartilhados por todos. (CAMUS, 2004, p. 149)

A agonia que os cidadãos de Oran viveram por meses e o cenário aterrorizante que a peste criou e os obrigou a presenciar, fez com que muitos se acostumassem com a morte e esperassem por sua vez de contraírem a doença para morrerem. “Estavam a tal ponto abandonados à peste que lhes acontecia às vezes só desejarem o sono e surpreenderem-se a pensar: Que venham logo os tumores e se acabe com isto!” (CAMUS, 2004, p. 161)

O toque de recolher imposto pelas autoridades, o fechamento da cidade, as medidas de segurança e prevenção que os moradores tiveram que se submeter fez parte da vida dos concidadãos de Oran por longos meses. Essa nova vida imposta pela peste, trouxe junto com ela o costume e a rotina que são características do absurdo que os personagens de Camus vivenciam. Na página 162 de *A Peste* lê-se: “De manhã, voltavam ao flagelo, quer dizer, à rotina”. (CAMUS, 2004)

A falta de esperança do homem camusiano e a vivência do presente também são características que fazem parte de cada cidadão de Oran.

As autoridades tinham contado com os dias frios para deterem este avanço e, contudo, ele passava através dos primeiros rigores da estação sem desanimar. Era preciso esperar ainda. Mas, de tanto esperar, ninguém mais espera – e a nossa cidade inteira vivia sem futuro. (CAMUS, 2004, p. 225)

OS HOMENS REVOLTADOS DE ORAN EM UM FINAL FELIZ E DUVIDOSO

O homem descrito por Camus vive no absurdo, locomove-se nele e revolta-se após despertar diante de algum fato. A revolta surge diante do fato do homem se negar a viver o que vinha experimentando e aceitando até então. O “não” do homem absurdo é o início da revolta

que permite que o próprio homem tenha consciência do seu valor.

Após uma primeira aceitação e de tentarem levar suas vidas de uma forma normal, os cidadãos de Oran precisam seguir as duras regras impostas pelo governo e revoltam-se em meio ao caos como descreve o trecho da obra abaixo:

Os tumultos junto às portas da cidade, durante os quais os guardas tinham sido obrigados a lançar mão de suas armas, criaram uma surda agitação. Tinha havido feridos, sem dúvida, mas falavam-se de mortos na cidade, onde tudo se exagerava por efeito do calor e do medo. Em todo o caso, é verdade que o descontentamento não cessava de aumentar, que as nossas autoridades tinham recedido o pior e estudado muito a sério medidas a serem tomadas no caso de esta população, mantida sob o flagelo, ser levada à revolta. Os jornais publicaram decretos que renovavam a proibição de sair e ameaçavam com pena de prisão os infratores. Patrulhas percorriam a cidade. Muitas vezes, nas ruas desertas e escaldantes, viam-se avançar, anunciados em primeiro lugar pelo ruído dos cascos dos cavalos nos paralelepípedos, guardas montados que passavam por entre duas fileiras de janelas fechadas”. (CAMUS, 2004, p. 102)

Durante a noite as portas da cidade são atacadas por cidadãos armados que tentam repetidamente fugir e lutar contra os guardas que não conseguiram acalmar o sopro de revolução que contagiou a todos. A cidade que antes de ser acometida pela peste era calma e individualista, tornou-se uma prisão para os seus próprios cidadãos que encontram na revolta coletiva valores não individuais, éticos e políticos.

Por fim, a revolta traz o benefício da “purificação”. Assim como em *O Estrangeiro* Mersault revolta-se em sua cela e depois se sente renovado, em *A Peste* os concidadãos se revoltam e depois se sentem prontos para agir contra o mal que os dizima. “O rumor da cidade, contudo, continuava a chegar aos terraços com um marulho de vaga. Mas esta noite era a da libertação e não a da revolta”. (CAMUS, 2004, p. 268)

Os primeiros foguetes dos festejos anunciavam a peste que ia embora, juntamente com gritos de alegria. Uma cidade que enfim começava a sorrir e iria enfim retomar sua rotina depois de sacudida por um

inimigo invisível. O flagelo ensinou aos cidadãos que há mais coisas para se admirar nos homens diante do caos do que para se desprezar. A alegria dos homens agora livres estava sempre ameaçada por algo que estava escrito nos livros e que os felizes cidadãos desprezavam: “[...] o bacilo da peste na morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lençóis e na papelada”.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Trad. Valerie Rumjanek. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CAMUS, Albert. *A Peste*. Trad. Valerie Rumjanek. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARRETO, Vicente. *Camus Vida e Obra*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus Um Elogio do Ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

TODD, Oliver. *Albert Camus: Uma Vida*. Trad. Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Recebido em 17/08/2008

Aprovado em 15/09/2008